

“Servir como uma semente”: uma transaula em curso de derivação¹

Fernanda Spanier Amador²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Maria Carolina de Andrade Freitas³

Universidade do Estado de Minas Gerais

Resumo: O eixo analítico do presente trabalho versa sobre a criação de memória no laborioso ofício da docência. Visa afirmar que uma aula se produz em gestos. O exercício de travessia e trânsito no fazer de duas professoras no encontro com os esforços de decolonialidade em uma disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, empreende-se como busca simultânea de transmissão e problematização acerca do que pode nos mover, comover e afetar, na produção da experiência de suportar e testemunhar os incômodos necessários à abertura de novos sentidos, relações e produções de conhecimento. Como fazermos de nossas dores berços de revolta coletiva? Uma aula não versa exatamente sobre o que se sabe, mas parte-se do que se pesquisa, dos problemas construídos e sustentados na inventividade do desejo, coletivamente.

Palavras-chave: cartografia; narrativa; sonho; gesto; decolonialidade.

AMADOR, Fernanda Spanier; FREITAS, Maria Carolina de Andrade. “ Servir como uma semente” : uma transaula em curso de derivação. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10 (24): 65-80, setembro a dezembro de 2023. ISSN: 2358-5587

¹ Este artigo vincula-se à pesquisa intitulada *Narrativas do trabalho docente na pandemia de covid-19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação*, aprovada no Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021/Processo CNPq 409825/2021-2.

² Psicóloga com estágio pós-doutoral em Educação, professora e pesquisadora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

“Serving as a seed”: a transclass in course of derivation

Abstract: The analytical axis of the present paper deals with the creation of memory in the laborious craft of teaching. It aims to affirm that a class is produced in gestures. The exercise of crossing and transit in the doing of two professors in the encounter with the efforts of decoloniality in a course taught in the Postgraduate Program in Social Psychology, at the Federal University of Rio Grande do Sul, is undertaken as a simultaneous search for transmission and problematization about what can move and affect us, in the production of the experience of withstanding and witnessing the necessary discomforts for the opening of new senses, relations, and productions of knowledge. How can we make our pains cradles for collective revolt? A class is not exactly about what one knows, but it starts from what one researches, from the problems built and sustained in the inventiveness of desire, collectively.

Keywords: cartography; narrativity; dream; gesture; decoloniality.

“Servir como una semilla”: una transclase en curso de derivación

Resumen: El eje analítico de este trabajo versa sobre la creación de memoria en el laborioso oficio de enseñar. Pretende afirmar que una clase se produce en los gestos. El ejercicio de cruce y tránsito en el hacer de dos profesoras en el encuentro con los esfuerzos de la decolonialidad en un curso impartido en el Programa de Posgrado en Psicología Social, en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, se asume como una búsqueda simultánea de transmisión y problematización sobre lo que puede conmovernos, emocionarnos y afectarnos, en la producción de la experiencia de soportar y presenciar los malestares necesarios a la apertura de nuevos sentidos, relaciones y producciones de conocimiento. ¿Cómo hacer de nuestros dolores cunas de revuelta colectiva? Una clase no es exactamente sobre lo que se sabe, parte de lo que se investiga, de los problemas contruidos y sostenidos en la inventiva del deseo, colectivamente.

Palabras clave: cartografía; narratividad; sueño; gesto; decolonialidad.

O que se passa durante uma aula? Por onde passa uma aula? Essas perguntas nos tomaram de assalto de modo peculiar naqueles meados do ano de 2022 quando iniciávamos a ministrar a disciplina de Cartografia e Narratividade na Pesquisa em Psicologia Social. Encontravam-se ali corpos que vinham de um longo período pandêmico e que ora experimentavam uma sala de aula ainda em modalidade *online*, mas já por entre “aberturas”. Corpos que foram bastante machucados pela intensidade dos afetos suscitados pela ameaça do vírus e pela virulência de um governo que não demonstrava pudor em nos expor, enquanto coletividade, a ainda mais vulnerabilidades além das que já vivíamos e que abusava de nossa precariedade.

A disciplina foi proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua ementa era a seguinte:

Abordagem da cartografia como método de pesquisa-intervenção explorando, em especial, a produção narrativa na pesquisa. Tendo como mote as perguntas: como aprender a dimensão expressiva das práticas cotidianas? E como engendrar no presente futuros alternativos pelas práticas narrativas? A disciplina propõe desenvolver, conceitual e metodologicamente, aspectos relativos à experiência no dizer e ao dizer da experiência. Analisa-se o narrar pelas perspectivas de agenciar coletivamente a enunciação, ficcionar e sonhar. Levantamento de problematizações no que tange à decolonialidade e narratividade e promoção de exercícios de produção narrativa na e pela pesquisa, tanto de projetos em andamento quanto em elaboração.

Como não poderia deixar de ser, no espaço de uma aula que se oferecia ao tema da narratividade, nossas histórias sobreviventes e turbilhonadas por uma profusão de ataques sofridos ansiavam por vias de expressão. Já quase não aguentávamos mais!

Haveríamos de acolher os rastros deixados por tudo aquilo. Estariam eles no cerne do que se passa durante uma aula? Seria pelos rastros que uma aula acontece? Benjamin (1987) e Gagnebin (2006) nos ajudam a sustentar que sim. Rastros deixados como restos por entre o que se vive, sobras da vida e da história oficiais que podem nos levar à colocação de novas questões e de novos problemas.

“Falta corpo na cartografia”, dizia alguém naquele primeiro dia de aula expressando urgências por um corpo negro!

Falava-se da necessidade de tematizar o corpo em suas distintas marcações, de maneira a alçar a cartografia a novas paragens. Ali iniciava-se a colocar em ato algo que se apresentava como objetivo daquela disciplina: levantar questões relativas aos desafios da decolonialidade nas práticas narrativas.

Assim sendo, é pela particularidade desse objetivo “não furtado” por entre nossa experiência, naquele semestre de 2022, que colocamos aqui em análise a dimensão experimentada pelo corpo de duas professoras, mulheres brancas, na busca por experimentar em ato os desafios da decolonialidade em e por uma aula; em e pelo próprio ofício docente.

De rastros e registros...

Os registros que aqui se inscrevem são frutos de muitas vozes. Não nos detemos a pessoalizar cada um deles, mas os encararemos como um dispositivo de enunciação coletiva, produzida durante e a partir de nossas aulas.

A licença concedida por todos aqueles que participaram dessa aventura ancora-se na delicadeza e na tentativa de materializar experiências produzidas coletivamente, como aposta ética de criação de memória do percurso laborioso que envolveu a construção da aula como um campo irreduzível de singularidades, sustentando-a como acontecimento e obra aberta e infinita.

Não denotar cada uma das passagens como registros pessoais, antes de situar-se como imprecisão, deseja fazer jus a uma condição de composição inusitada, em que a dignidade das singularizações presentes possa (trans)parecer como forças, como um campo coletivo de forças, no qual as expressões entre aspas são fragmentos infinitos em compósita, que acenam ao espaço intercambiante da linguagem uma dimensão responsiva e criadora.

O que nos faz acordar em uma aula? Quais derivações e movimentos em conexão, ao mesmo tempo dissonantes, podem-se produzir numa aula-percurso? Por quais inusitados caminhos se sustentam trocas, aprendizados, embates, diálogos, saltos e (trans)formações? Como acordadas podemos sonhar?

Deleuze⁴ (2022) indica-nos que uma aula nada tem a ver com uma totalidade na qual o sentido poderia ser apropriado por todos da mesma forma. Ele nos aponta que a aula é uma espécie de matéria em movimento, e por isso é musical. Numa aula, acorda-se misteriosamente. Não há uma lei garantidora do que diz respeito a alguém numa aula. Ela é feita, antes, de emoção e inteligência. Uma aula desdobra-se em captar algo por interesse, conveniência e emoção. São de saltos que se fazem os movimentos múltiplos de um acontecimento. Uma aula, segundo o autor, é uma espécie de tecido esplêndido, de textura.

Interesse, conveniência, emoção e textura não são características quaisquer. Stengers (1990), Despret (2017) e Latour (2007) já nos indicaram que a ciência e o conhecimento são fontes de produção de interesse.

Fazer proliferar os interesses a propósito das ciências é criar um meio bem denso de interesses e de questões para que os cientistas aprendam a reconhecer em que sua formação não é “normal”, “politicamente neutra”, “simplesmente racional”, a compreender quais são as questões que lhes ensinam a esquecer, a não se colocar. Eles são estrategistas de interesses, e por que não continuariam a sê-lo? Não tenho meios para conceber uma utopia de um mundo “moral”, onde os interesses desaparecessem diante de algum bem público. Minha imaginação e minha utopia me permitem conceber um mundo onde os cientistas seriam estrategistas lúcidos, capazes de compreender os sentidos emaranhados dos interesses sobre os quais especulam, me permitem, portanto, também conceber uma instituição científica que aceita o fato que ela é atravessada pelos mesmos conflitos de interesses, pelas mesmas tensões sociais e políticas que as sociedades onde elas se desenvolvem. (STENGERS, 1990: 109)

Pesquisar é produzir interesse e controvérsias que constituam questões políticas e enfatizem a reinvenção de sentidos, a criação de histórias, os vínculos e as relações de força favoráveis à sustentação da produção de diferença e engendramento de multiplicidades.

“Deixar-se interessar é, para um cientista, um risco” (STENGERS, 1990: 102). Porque não se trata de afirmar uma posição interesseira, mas sim uma posição

⁴ A entrevista está disponível no YouTube. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=podsjtNHDfc&t=3s>. Acesso em: 12 jun. 2023.

interessada e interessante, em que as articulações possíveis sejam implicadas e responsivas.

A conveniência não indica, por sua vez, apenas uma qualidade do que é conveniente, como algo mais simples ou vantajoso. No sentido que a tomamos, a conveniência afirma uma atenção ao elemento singular que tem a capacidade de nos acordar, de nos movimentar em outras articulações possíveis, como faz a problematização quando sustentada: permite colocar em análise uma situação-acontecimento que convoca o pensar e o debruçar-se. Conveniência é um ato, algo que nos acorda, que se agencia ao encontro com nossos corpos em transmutação.

Para Deleuze e Parnet (2004), a simpatia é um corpo a corpo. E os corpos podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais... Quaisquer variações continuam a ser um corpus. Os autores afirmam que não há juízo na simpatia. Ela é precisamente isso: agenciar. “É isso, agenciar: estar no meio, na linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior. Estar no meio” (DELEUZE e PARNET, 2004: 70). A simpatia não é um sentimento vago de estima ou de participação espiritual. Consiste num esforço de penetração dos corpos. Um agenciamento é o que produz enunciados, sempre de modo coletivo, que põe em jogo populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos e acontecimentos. Deixar ouvir-se na situação dos problemas gerados e querer aprender com eles: “O que dizemos, sentimos e fazemos é desencadeado por diferenças registradas no mundo” (LATOURE, 2007: 44).

Partimos da aposta de que, para uma aula se tornar articulada, ela precisa se colocar em risco, sabendo-se apaixonadamente interessada, como declara Latour (2007: 49), “implicando o que uma coisa é no fado ou no destino de muitas outras coisas”. O autor escolhe, para tratar das camadas de diferenças surgidas nas afetações, o termo articulação. Ele considera que um sujeito articulado não é um “sujeito por si próprio”, pelo contrário, é alguém que aprende a ser afetado pelos outros: “Articulação, portanto, não significa capacidade para falar com autoridade [...] mas ser afetado por diferenças” (2007: 42).

Aula em risco, pessoas em risco também. Há que se correr os riscos da gestão cotidiana dos processos, sempre em aberto, experimentados em uma sala de aula, inacabados, oferecidos como rastros que anseiam por atenção e cujas sensibilidades e percepções dizem das marcas distintas que sustentam e se sustentam por seus corpos. Há que se produzir confiança para correr riscos, confiança essa da qual precisamos, paradoxalmente, (des)confiar para novamente voltar a acreditar coletivamente. Afinal, como nos (co)movemos? Com o que nos (co)movemos? De que maneira nossa cor, nosso gênero, nossas sexualidades, nossa classe nos ativam ou blindam para nos (co)movermos?

Assim, afirmou Deleuze (2022) que o momento de acordar, de captar algo que nos mova, em uma aula, liga-se a uma emoção. (E)moção: fazer passar. Isso nos remete a considerar, como situa Didi-Huberman (2016), que as emoções, que passam pelos gestos que fazemos, ligam-nos a outra temporalidade: “esses gestos são como fósseis em movimento. Eles têm uma história muito longa – e muito inconsciente. Eles sobrevivem em nós, ainda que sejamos incapazes de observá-los em nós mesmos” (2016: 32), e, assim, essas emoções passam. Elas precisam passar, já que são uma linguagem e criam impasses, como sugere o autor: não somente criam as dificuldades que pressentimos quando as experimentamos (impasse como aquilo que não passa e que nos afeta), como constituem-se como passagens (*im-passes*, em passagem). A emoção que o gesto empenha é também um impasse da linguagem, do pensamento, da ação.

A emoção pode produzir uma suspensão temporária. A imobilização de um segundo. O fio de um pavio. Um lampejo. Uma franca força, uma chispa, que, atual como um arco, “atinge o instante bem no coração” (BENJAMIN, 2009: 502). O gesto pede que seja testemunhado para que sua existência seja transmissível, pois uma emoção, um gesto ativo, que não se dirigisse a ninguém, que fosse absolutamente solitário e incompreendido, não se constituiria como moção, movimento, seria “somente uma espécie de cisto morto dentro de nós mesmos” (DIDI-HUBERMAN, 2016: 33). Desse modo, podemos afirmar que uma aula se produz em gestos.

Adverte-nos Didi-Huberman (2016), resgatando Bergson, que nossas emoções são gestos ativos, que nos lançam para fora de nós mesmos. Elas, portanto, podem consistir num limiar entre o interior e o exterior. E, lembrando Deleuze, conclui que a emoção não diz “eu”, pois que estamos fora de nós mesmos, mas é preciso recorrer à terceira pessoa, como um “ele sofre” (DIDI-HUBERMAN, 2016: 29).

É preciso reconhecer em nós mesmos algo do movente do mundo, em (co)moção, um mover com. Uma aula pode ser um exercício de ligação. Quando, diante de uma imagem, uma narrativa, um gesto, ligamo-nos ao fora de nós, mais acessamos “um povo em lágrimas”, “um povo em armas” (DIDI-HUBERMAN, 2016: 38). Uma aula torna-se (trans)aula, fazendo-nos acessar uma multiplicidade de coisas, sentidos, impasses, emoções, saberes, fazeres que estão transversalizados entre nossa dimensão coletiva e as singularizações possíveis.

Diante disto, de algo que faz passar e em exercício fibroso, tece-se uma textura esplêndida numa aula, como nos indica Deleuze (2022). Text(u)ra, composição. Fios e “com”-fiança. Co(m)oção. Uma malha feita por um zigue-zague de pontos e entrelaces. Trabalho de mãos, olhos, ouvidos, corpo todo e voz.

Assim, voltar à escritura, às palavras que transportam mundos, não como nos imputa a colonialidade, pela obrigação ou pela violência, pode tornar uma aula, transaula, espaço de afirmação e produção desejante. Texto múltiplo. Tecido esplêndido.

Não pretendemos afirmar que uma aula deva se consolidar numa posição humanista de necessidade empática, como alerta Latour (2007). Nossa posição não é a de nos distanciar ou a de ser empáticos. Trata-se antes de maximizar o fenômeno da aula como transaula, acontecimento, para que seu próprio funcionamento proponha suas próprias questões, sustentando os problemas e perseguindo composições possíveis.

Uma aula, como via de acesso a elementos desconcertantes, ritornelo, mistura elementos estranhos e atraentes, tal como indicou Deleuze e Guattari (1999) a respeito da filosofia. Uma aula não visa a nada, mas constrói algo. No seu percurso gerador de sementes: “servir como uma semente” indica-nos a produção de campos de vida, de espaços coletivos e solidários de colocação de problemas e de criação de ferramentas de pensar. Uma aula deve implicar ação e servir como semente, como campo de brotação, o que nos remete a um campo relacional, situado entre forças múltiplas, móveis, manejáveis e temporárias, tais como as condições da experiência (ZOURABICHVILI, 2005). A experiência organiza-se em certo campo problemático.

Com efeito, se este campo é constituído por relações, não o atingimos senão nos tornando capazes de amarrar essas relações, isto é, se escrevemos e falamos literalmente. Em outros termos, a “coisa mesma” é a experiência enquanto ela se faz; é o devir, sempre singular, antes que o ser em geral. A “coisa mesma” é, assim, sua propriedade sem significação: nós a atingimos no momento em que as significações ficam em suspenso,

quando sabemos levar a enunciação a uma de suas relações desconcertantes, mais profundas que qualquer teoria, que se afirmam obstinadamente no pensamento e a forçam a entrever novas possibilidades de pensar e de viver. (ZOURABICHVILI, 2005: 1319)

Para nós, uma transaula não versa exatamente sobre o que se sabe, mas parte-se do que se pesquisa, dos problemas construídos e sustentados na inventividade do desejo.

Uma aula, transaula, como experiência desconcertante, ensina-nos a resistir contra as perversidades do mundo, quando, em franca produção de redes de saberes e sinergias, inventa espaços de lutas e novas solidariedades: como “algo que possa encorajar nossa vida”.

Autorizar a escrever: a transaula como análise coletiva

A aula não deixou de encontrar seus impasses e a busca de sustentação dos debates contracoloniais. Exercitou, coletivamente, a problematização e não cedeu a respostas rápidas, fazendo os partícipes permanecerem com o problema, como sugere Haraway (2019). A aula nos levou a dimensionar a criação como espaço de diálogo, construção e diferença.

O que se pode transmitir nos estudos da subjetividade não é a certeza de um experimento, mas a irrequieta e incômoda passagem política e metodológica de uma experiência. Ou, de modo forte e prosaico, como tanto Paul Valéry quanto Franz Kafka diziam acerca da obra, fazer de toda e qualquer pesquisa apenas um exercício: a sustentação de um eterno retorno à encruzilhada vivaz das apostas, a negativa à falácia do porto seguro da objetividade descoberta, a assunção da desavergonhada de um benefajejo inacabamento de si e do mundo. (MIZOGUCHI, 2015: 3)

Não sem tensionamentos, encontrados justamente na nascente da proposta, retiramos deste exercício persistente, de uma aula, algumas questões construídas no caminho.

No debate da própria aula, enfrentamos nossos próprios modos de interlocução, sem perder de vista as condições de possibilidade de emergência do discurso e as consequências históricas da estrutura do mundo moderno a partir do genocídio e do epistemicídio engendrados pelas práticas imperiais, coloniais e patriarcais em suas relações com a produção, a validação do conhecimento e a organização da Universidade no ocidente (GROSGOUEL, 2016).

O exercício da aula e do encontro com tantas vozes, singulares e irreduzíveis, forçou a revisão dos privilégios do saber ocidental, questionando os mecanismos universitários e a estrutura de dominação forjada com eles, sem ceder das múltiplas vozes e de outros modos de produção da experiência, do diálogo, das escritas e leituras, das trocas, do encontro. Questionar desde a universalidade e a pretensão do conhecimento presentes na colonialidade do projeto ocidental de dominação até o campo e o espaço da aula, como microcosmo das relações históricas e presentes, foi uma ação essencial para produzir a proposta de aula como dispositivo de análise das práticas de produção de saber, operando, nos corpos envolvidos, aberturas radicais e legítimos posicionamentos.

Assim, corroboramos com Grosfoguel (2016), quando o autor situa que, no enfrentamento de certas práticas históricas de privilégio e dominação, é necessário assumir que não existe produção de conhecimento não situada, como também se faz necessário não ceder a uma egopolítica, que tome os critérios de validação da múltipla realidade a partir unicamente de seu próprio ponto de vista, reduzindo e invisibilizando outros corpos políticos. Para enfrentar esse conjunto de

poder sistêmico, violento e destituidor, implica assumir uma tarefa coletiva de pluralizar os sentidos dialógicos e afirmar a diversidade epistêmica em sua dimensão intransponível. Para tanto, precisa-se reconhecer a estrutura racista do projeto colonial, romper com o universalismo que autoritariamente decide por todos e tecer verdadeira conversação epistêmica, em sua radical pluralidade de sentidos e conceitos, e não como estratégia de relativismo vago e perigoso.

Vale ressaltar, como apontam Fernandes, Gonçalves e Silva (2022), que a colonialidade do Poder se engendrou na América Latina em duas direções: codificando as diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça e articulando o controle do trabalho, dos recursos e dos produtos para a sustentação do mercado, como mecanismo e estratégia do sistema-mundo capitalista colonial-moderno. Os autores lembram Dussel e Grosfoguel que situam o *ego conqueror*, “conquisto, logo existo”, e sua ligação com o *ego extermino*, o “extermino, logo existo”, na construção da lógica ocidental moderna que forja o colonialismo, o extrativismo, o desenvolvimentismo e o neoliberalismo. Essa desastrosa combinação tem nos colocado frente a desafios políticos irreduzíveis e demonstra a urgência de se reestruturar inclusive o projeto da Universidade Pública e nossas lutas políticas.

Desta feita, quando diante do laborioso exercício em aula, situados os encontros nesse espaço desconcertante, pudemos talhar tantas questões mediante os conteúdos que discutíamos e sobretudo na sustentação das interlocuções possíveis, e urgiu a análise coletiva de nosso próprio trabalho. Encontrávamos diante de uma transaula que não cansou de tecer-se em uma cama de gato (HARAWAY, 1994).

Assim, diante de um convite à experimentação, de uma fabulação de mundos, donde tenta-se escapar das militarizações da colonialidade, fabricando, no lugar da competição e do privilégio, interdependência, parentescos inusitados, multi-espécies, cosmopolíticas. Ao abandonar práticas naturalizantes e procurar perseguir hibridismos e múltiplas escalas, é que o espaço da transaula estendeu-se e fez circular questões como: quando podemos começar a escrever algo? Em que ponto nosso texto está pronto? O que nos autoriza e valida nossa experiência de escrever e pesquisar? Como escrever enfrentando os ditames da colonialidade e suas injunções sobre a pesquisa, o pensamento, a universidade, sobre nossas relações com o conhecimento?

“Esse percurso me deu vontade de escrever”. “Ficou reverberando... mudar a forma como eu escrevo”. “Fizemos algo com essa dor, nessa experiência e por essa experiência”. “Injetar de forças escritos”. “O tempo todo caminhando, explode o tempo”. “2 horas depois da aula. Uma voz me diz: levanta e começa a escrever”. “Por entre critérios não evidentes: escrever disparates”. “Imagem que dê conta, letra escrita e algo do campo da morte”. “Escrevemos pra quem?” “Escrever como ato que rasga”. “O que escorre da carne?” “Escrever regiões ainda por vir”. “Enfrentar a língua do colonizador e o apagamento das diferenças, descolonizar o pensamento”. “Desinvestir nas regras do jogo para olhar outras vias”. “Língua como espaço de luta da racialidade”. (MÚLTIPLAS VOZES, 2022: fragmentos dos diários da transaula)

Essa multiplicidade de fios, de diferentes vinculações, suscitou a aula como espaço de convivência e espaço de escritas como criação e cultivo de mundos plúrais. Gesto de corpos, artefato ético na desobediência à política de morte instaurada na modernidade, disposição de travessia, humus-humildade, “alguém disposta a nascer de outro modo”.

Do nunca me sonharam ao como sonhamos juntos: por uma política decolonial dos afetos

“Corpos atravessados e em atravessamentos?” “Outra política dos afetos pode constituir outros modos de pensar, narrar, produção de outras operações no e com o real”. “Isso me ajudou no trabalho. A me posicionar”. “Eu vou dormir pra sonhar. Sonhar e lembrar”. “Imaginava uma disciplina normal”. “Fiquei tensionada/dividida durante a disciplina”. “Fluxo é desejo”. “Não deixar passar os grupos expropriados e os efeitos das opressões”. “Ser um pedacinho nessa colcha de retalhos”. “Como as políticas de vida emergem?” “Ter os olhos dele como mestre”. “Cartografia desse sangue, rota dos tubarões”. “Enfrentar a colonialidade”. (MÚLTIPLAS VOZES, 2022: fragmentos dos diários da transaula)

A transaula também constituiu certa dimensão onírica. Poder sonhar junto, abrir e experimentar fluxos interligados em redes de saberes múltiplos e heterogêneos. Os textos, (pre)textos de estudos e trocas, embora traçados pela atenção ao debate e aos conceitos e temas em investida, foram acionados por releituras, que procuraram movimentar um caráter transcultural e antirracista, ao incorporar, em percurso, novas formulações e conveniências. Textos são eróticas. Para nós, os escritos, as trocas, as vozes, os contos, os impasses, os debates, os sonhos partilhados, os arquivos trocados, os filmes inseridos, as cenas narradas construíram matérias e tramas. Texto, para nós, não se restringe aos compêndios assinados pela racionalidade reinante, de uma cultura colonial e impressa. Texto, para nós, compõe-se de toda a matéria complexa engendrada na tecitura da transaula. Texto, mundo e vida. Desejo e impasse. Erótica é uma relação com a profusão, o fluxo, os investimentos que fazemos, tal como nos aponta Stengers (2015) no ex-certo a seguir.

Nós, herdeiros de uma destruição, os filhos daqueles que expropriados de seus Commons, foram a presa não apenas da exploração, mas também das abstrações que faziam deles qualquer um, temos que experimentar o que pode recriar – “fazer pegar novamente”, como se diz das plantas – a capacidade de pensar e agir juntos [...] A luta política aqui, porém, não passa por operações de representação, e sim, antes, por produção de repercussões, pela constituição de “caixas de ressonância” tais que o que ocorre com alguns leve os outros a pensar e agir, mas também que o que alguns realizam, aprendem, fazem existir, se torne outros tantos recursos e possibilidades experimentais para outros. Cada êxito, por mais precário que seja, tem sua importância. (STEN- GERS, 2015: 148)

A autora nos lembra que a luta deve passar pela fabricação de futuros outros, de lugares que não estão dados, mas que podem ser criados pela imaginação potente. E alerta para o fato de não deixarmos aos sonhos de rico a tarefa de relançar a economia e a vida concreta no mundo. Ela faz uma afirmação categórica de que a luta deve passar por todos os lugares e não pode ser pensada unicamente como a conquista do poder. Deve-se, portanto, articular luta política e criação: “precisamos, desesperadamente, fabricar essas testemunhas, essas narrativas, essas celebrações. E precisamos, principalmente, do que testemunhas, narrativas e celebrações podem transmitir [...] uma capacidade nova de agir e pensar” (STEN- GERS, 2015: 151-2).

Por isso, a transaula em derivação apostou na produção de um sonhário coletivo, no qual não apenas dividimos sonhos (e até mesmo, muitos de nós, voltaram a sonhar), mas a reunião desses fragmentos oníricos, espalhados e divididos em contações de partilha, acionaram um modo-aula de composição inédita e intercrusada.

Ribeiro (2022) nos conclama a avaliar com lucidez e justeza o fato de não podermos mais seguir vivendo sem entender que nossos atos têm consequência.

Indica-nos urgentemente a retomar uma revolução educacional planetária que esteja indissociavelmente ligada à ética do cuidado. Lembra-nos de que os xamãs já sabiam da importância do intento: sonhar as imagens de transformação. Sonhar como quem caça ideias, compromisso com um agir sobre o mundo de maneira firme e propositada. O autor nos alerta que é preciso responsabilizarmos pelo passado brutal, desigual, violento fruto do parasitismo, do machismo, do patriarcado racista e homofóbico. E pergunta-nos se estaríamos seriamente dispostos a rever esse estado de coisas que produzimos. Nas palavras do autor:

Um momento de tanta urgência exige beber da fonte de toda a narrativa humana, realidade ou ficção, pois é bem-vinda toda ideia que nos permita compreender o futuro perigoso para o qual nos lançamos em aceleração crescente. [...] Precisamos mais do que nunca da ficção para imaginar as consequências de nossos atos e nossas omissões, para compreender o que pode nos acontecer se não agirmos de outra maneira, para escapar da armadilha que criamos. [...] Chegou o momento de abraçarmos as mais sublimes tradições humanas: o amor e a responsabilidade. O que se faz necessário não é uma mera reforma, mas sim uma grande revolução intencionada com nossa mais plena inteligência. (RIBEIRO, 2022: 92-3)

Como ressalta Ribeiro (2022), precisamos reaprender a sonhar o bem comum para desenharmos outro percurso para a experiência humana. Foi assim que, em meio à nossa aula sonhário, entre tantos sonhos compartilhados, pudemos enlaçar nossa tarefa de abraçar o mundo. Lembramos não somente do cenário político então vigente, com suas tensões e disputas, suas grandes veias urbanas e toda sorte de emaranhados; lembramos das escolas e das mortes anunciadas todos os dias, nos massacres em curso, mas também dos pequenos milagres que ainda perseguimos como acontecimentos de delicadeza e corte; lembramos dos estranhamentos de nos vermos outros em nossa própria cena onírica; lembramos da mensagem que nos contou o indígena Jorge Morinico, no documentário *Guata*⁵ (2023), de seu sonho e da afirmação de sua mãe: de que sonhos são lembranças que ficam na memória reverberando na gente; lembramos de que, apesar dos receios e medos, precisamos muitas vezes atravessar o velho até fazer surgir o novo, ainda quando kalunga nos olha de volta, abraçar a tez do segundo e acabar enlaçados em corpos outros, como uma espécie de restituição reencontrada.

Como nos indica Ribeiro (2022: 99), “temos muita tecelagem a fazer”. Sim, temos. Fazer de uma aula Texto, existência, escritura e tecitura esplêndida.

Fragmentos de um sonhário é o título de um sonho, “sonhado” e comentado com a turma por um corpo professora em um dos efeitos transaula experimentados. O sonho, enquanto dispositivo de formação no campo de discussão do curso do qual tratamos, consistiu numa ferramenta preciosa de experimentação narrativa e está transcrito a seguir, bem como o modo como foi relatado e abordado em aula.

Era uma sessão de análise diferente das que tenho habitualmente, além de mim e de meu analista estavam presentes, também, um grupo de estudantes e uma professora francesa que falava muito bem o português, exceto quando o assunto de que se tratava dizia do que havia de mais doloroso de nós, pessoas brasileiras. Nesses casos recorria ao francês ou, quando muito, falava um

⁵ O documentário está disponível no YouTube. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=8Px4kODpIdU>. Acesso em: 12 jun. 2023.

“franco-português”... ou seria um “portufrancês”? Diante disso, o analista, eu e os estudantes pusemo-nos a auxiliá-la no delicado e difícil trabalho que precisava enfrentar: o de sustentar nossas vozes passando por suas vozes, nossas dores passando por suas dores, o que apenas se tornaria possível numa experiência coletiva proporcionada. A partir daí, de uma língua como porto, o que passou a interessar foram as línguas que produzimos pela viagem para dar conta do que nos escapava.

Esse foi o sonho que tive na noite em que combinamos que investiríamos na produção de um sonhário durante a semana a fim de estudarmos a dimensão do sonho e da narratividade na pesquisa. Cena ou narrativa, por ele colocaram-se três elementos instigantes para mim e que me fizeram continuar sonhando durante a semana: dor, coletivo e língua. Sonho que presta e que se preza é assim: oferece-nos trilhas para prosseguir em pensamento... mais do que conteúdo significativo, abre linhas de sentido e diz muito mais do que nosso “privado inconsciente” possa pretender, ou seja, dizer dele mesmo. É... “privado inconsciente” parece uma boa expressão: privado de tantas vozes, de tantos gestos, de tantos toques de pele. Sonho que se preza diz de povo, diz um povo, sustenta vozes inauditas, vozes interditas, vozes inescutadas.

Minorizar a língua agenciando uma enunciação capaz de fazer algo com uma dor parece estar na cena onírica que experienciei e que agora compartilho. A tentativa de conferir língua à dor de um povo que não o seu levava a francesa a recorrer à língua materna, mas isso não era suficiente, foi preciso que as demais pessoas, eu, estudantes e analista, auxiliassem-na a produzir uma outra língua, um outro agenciamento, um outro acesso às dores contadas. Por aí, contávamos-nos de outros modos... Bergson (1999) diz, no livro *Matéria e memória*, algo muito especial a respeito da dor. Para ele, a dor é uma experiência sensitiva, espécie de esforço local que por ser isolado é causa de sua própria impotência. Com isso, indica-nos que para tratar das dores há que se liberar seu fluxo, o que nos leva a pensar que sonhar e narrar, que sonhar-narrar pode abrir um espaço transicional, por um jogo de línguas, capaz de sustentações dolorosas insuspeitas no e pelo coletivo.

Os sonhos que contamos em aula também me acompanharam ao longo dos dias. Lembro-me daquele em que uma mulher percorre galpões semelhantes aos de pessoas escravizadas e ocupa retângulos no espaço quando escuta a voz do preto-velho pelo caminho, o outro em que homens se beijam, em que Ejó beija um homem instaurando a força da confusão no plano de uma experiência que arrebatava as distinções. Ah, teve aquele também, esse foi um pesadelo, em que crianças mortas estavam espalhadas pelo chão da escola, e aquele outro em que uma mulher precisou vacinar pessoas em um avião improvisando com o salto fino do sapato, e ainda aquele no qual se sonhou com o retorno ao Ensino Fundamental quando o candidato da extrema-direita dizia que as meninas precisariam mudar. Teve aquele também em que uma criança corria, como na cena da foto na Guerra do Vietnã, desprotegida e exposta sem controle dos esfíncteres, pelos corredores da escola, e há ainda os sonhos que remetem à arte de modo explícito, um no qual a sonhadora precisava realizar um curta e expô-lo no lugar onde mora, e o outro que gerou no e pelo sonhador uma crônica das desimportâncias, ela própria, talvez, a narrativa da experiência onírica.

A função política do sonho aí está. Comporta um nós, oferece-se como tecitura restauradora de nossas feridas, como via de reexistência, como fio capaz de contornar experiências. Sim, de contornar nos tantos sentidos que essa palavra pode assumir: dar contorno e escapar dele! O sonho pode comportar um

texto narrativo insuspeito, pode atingir gramáticas impensadas, pode produzir futuros.

Há uma figurabilidade no sonho, isto é, pode-se por ele criar um objeto, dar-lhe forma e habitá-lo. Há trâmites no sonho, e neles está o aspecto narrativo do trabalho onírico. Há rizoma no sonho, elementos heterogêneos que se combinam e pedem cartografia. Há profecias nos sonhos e armas para os combates e lutas dos povos, se necessário. Há dispositivos múltiplos para fazer sonhar, precisamos aprender com as experiências que nos fazem, paradoxalmente, despertar no e pelo sonho.

Um dia antes de nossa última aula, sonhei que dirigia um carro pela estrada acompanhada de uma orientanda negra que me falava entusiasticamente de sua tese. Em dado momento, ela contorce o corpo e coloca sua cabeça na frente da minha e passa a ser os meus olhos na estrada. Eu peço que volte ao seu lugar para que eu possa enxergar e continuar dirigindo, mas ela resiste! O que aconteceu depois? Acordei!

O corpo registra lembranças que o intelecto não é capaz de preservar, diz Proust em No caminho de Swamm. Bem-vindos sejam sempre os sonhos!

Em um certo dia-noite, dormindo-acordada, em algum lugar do planeta, em uma data e horário quaisquer.

“O silêncio também tem algo a dizer”: silêncio, digressões e pousos, transaula como espaço de gestação

“Saímos diferentes de como entramos”. “Escrevemos em nós quando lemos... fazer nosso corpo trabalhar... ouvir a voz de sua prática”. “Estética de professoralidade”. “Olhos curiosos podem transformar o mundo”. “Ativar desejos como práticas de compartilhamento”. “Ponham alegria”. “Fazer ouvido é exercício infinito e carece de ajuda”. “A vida pede por memórias”. “Um campo de bons encontros, ativação de potências das sementes”. “Sonho como passagem”. (MÚLTIPLAS VOZES, 2022: fragmentos dos diários da transaula)

De repente, um estrondo. Um grito que situa uma suspensão. Um corte. Olhares apreensivos. Silêncio que invade. Nunca se sabe onde se chegará de antemão. Risco. Corpos em suspense, medo, apreensão. Fomos longe demais? Estamos perto demais? Ainda é cedo? Já é tarde demais? Será possível ainda fechar os olhos? Dançar juntos? Diante dos apelos, das rupturas, das restituições e das reparações a fazer, conseguiremos enfrentar a árdua tarefa de colocar nosso próprio pensamento e gestos em análise? De despedirmos do absoluto? Teremos coragem para prosseguir? Para olhar de frente? Para ser olhado? Seremos capazes de ouvir o estrondo, encontrar na terra, no chão, o mais alto? Fazer mínima que seja diferença? Fazer das tripas coração?

Uma aula tem algo de matéria sensível. Um campo de passagens. O pouso configura certo exercício de atenção (KASTRUP, 2019). É necessário fazer pousos, sustentar silêncios e pequenas digressões para gestar algo em passagem, trans(ito).

Foi assim, por entre estrondos, silêncios e conversas, que o susto deu lugar ao inédito, que, mesmo atingida por flecha endereçada, a transaula alçou lugar de acolhimento do inusitado e foi capaz de tornar-se campo de brotação.

A transaula produziu muita conversação, mas também momentos de silêncio e ruídos. Produziu encontros fora e dentro dela mesma, nela mesma. Explodiu

algumas vezes. Outras vezes, recolheu. Fez o corpo doer no desconcerto musical que sustentou. Perguntou sobre saídas e chegadas. Abriu acenos, despedidas e reencontros.

Numa aula, toda profusão de coisas, corpos, matérias, sonhos. Numa aula.

Pós-Scriptum: o semestre já acabou, mas continuamos em trânsito, continuamos em encantamento...

Após finalizadas as aulas e passados três meses, duas professoras, ainda mobilizadas pelo que viveram, retomam alguns rastros e os lançam novamente às companheiras, aos companheiros e companheiros de viagem pelo escrito que segue.

Do extra ao trans em sala de aula... notas para um brotar entre gestos

Qual o lugar podemos conferir ao que nos transborda de e por uma aula?

Qual pode ser o seu destino enquanto futuro ou sorte?

Assim nasceram nossos Diários extra-aula durante o semestre na disciplina de Cartografia e Narratividade na Pesquisa em Psicologia Social. Conhecido recurso para analistas institucionais, o extra-texto indicado por Lourau (2003) ganhou, entretanto, novas nuances por entre uma experiência: tornou-se plano para sustentar-nos em vacilo, em tropeços, por entre corpos afetados e (des)conjuntados. Corpos (dis)juntados, corpos (per)turbados. Em tempo: turbar = alterar ordem, turvar; per = exprime a noção de acabamento e de intensidade “além do normal”. Como sustentar a nós mesmas e a uma aula em um processo de “estado alterado de corporificação”?

Lugar de acolhimento de tudo aquilo que não cabe na métrica das institucionalidades, o extra-texto de Lourau visa trazer para o texto aquilo que fica fora. Pensá-lo desde a perspectiva daquilo que turva e nos arrasta para fora de nós mesmos requer outra operação, requer transversalidade, requer operação de outra natureza, requer um texto que é feito de fora, de matéria expressiva do fora. Nesse sentido, creio que Deleuze e Guattari (1999), quando nos convidam ao esquizo dessa matéria, oferecem-nos, pela via dos cursos transversais, a oportunidade de “boa hora” para nossos rebentos, para ganharmos existência por entre partos partilhados, para brotar entre gestos.

Brotos em proliferação foi por onde andamos e como nos sentimos no semestre que compartilhamos por entre nossos encontros. Passados três meses desde o encerramento de nossa disciplina, retornamos aqui para concluir um pequeno texto e enviar a vocês. A docência é um ofício de aguardo, ou ao menos deveria sê-lo, um fazer que gera efeitos, anseia por eles porque só neles consegue andar e dar o próximo passo. É algo da ordem de uma espera do que não se sabe bem o quê, ação esperante em um misto intenso e turbilhante de atos, eventos e acontecimentos.

Anseios distintos se encontraram em uma sala de aula virtual. Corpos distintamente marcados “gravaram” o espaço e perturbaram o tempo. Lutas históricas se fizeram valer, gritos indignados, perplexos e até mesmo silenciados por ali passaram. Dúvidas sobre corpo e cartografia animaram interrogações e conflitos, dúvidas teórico-conceituais, mas com muito maior contundência, nos parece, houve presença de dúvidas gestuais também. Afinal, com quem posso compor em uma sala de aula? Quais são as condições de possibilidade para o encontro entre corpos negros, brancos, de homens, mulheres, trans, gays, indígenas, com e sem deficiência que se propõem a estudar junto? Quais

são os limiares que permitem algum movimento em nós de maneira a que prosigamos firmes no trôpego processo de andar afetados pelas perturbações da urgente decolonialidade?

Algo transbordou desde nosso primeiro encontro. Limiares entre a necessidade de certa delimitação histórica de nossas experiências para que nos tornássemos capazes de, por um lado, não abrir passagem para a perigosa camuflagem que os processos de esvanecimento de contornos pode, por vezes, conduzir, e, ao mesmo tempo, de propiciar certas zonas de turvamento que nos exigissem confiar uns nos outros, umas nas outras, entre outres, confiar na vida. Fiar(com), produzir confiança para experimentar um processo (trans)formativo. A essa altura do processo, pensamos que uma pista para isso atingir é da ordem do testemunho, é a capacidade de testemunharmos nossas dores ainda que desigualmente inscritas em nossos corpos, de ativarmos uma sensibilidade capaz de suportar nossos incômodos necessários à abertura de novos sentidos e relações. Algo como o que dizíamos em algum momento de nossas aulas: como fazermos de nossas dores berços de revolta coletiva?

Nossas aulas, para nós, tornaram-se plano intensivo de experimentação. Plano de transduções, plano esse feito de metaestabilidade, afeito à “desnitidez” provocada pela colocação de novos problemas. Os registros que nelas se inscreveram são frutos de muitas vozes. Não nos deteremos a pessoalizar cada um deles, pois os encararemos como um dispositivo de enunciação coletiva.

A licença concedida por todos aqueles e aquelas que participaram dessa aventura ancora-se na delicadeza e na tentativa de materializar experiências produzidas coletivamente, como aposta ética de criação de memória do percurso laborioso que envolveu a construção da aula como um campo irreduzível de singularidades, sustentando-a como acontecimento e obra aberta e infinita.

Não denotar cada uma das passagens como registros pessoais, antes de situar-se como imprecisão, deseja fazer jus a uma condição de composição inusitada, em que a dignidade das singularizações presentes possa (trans)parecer como forças, como um campo coletivo de forças, no qual as expressões entre aspas são fragmentos infinitos em compósita, que acenam ao espaço intercambiante da linguagem uma dimensão responsiva e criadora.

O que nos faz acordar em uma aula? Quais derivações e movimentos em conexão, ao mesmo tempo dissonantes, podem-se produzir numa aula-percurso? Por quais inusitados caminhos se sustentam trocas, aprendizados, embates, diálogos, saltos e (trans)formações?

Partimos da aposta de que, para uma aula se tornar articulada, ela precisa se colocar em risco, sabendo-se apaixonadamente interessada. O gesto pede que seja testemunhado para que sua existência seja transmissível, pois uma emoção, um gesto ativo, que não se dirigisse a ninguém, que fosse absolutamente solitário e incompreendido, não se constituiria como moção, movimento, seria “soamente uma espécie de cisto morto dentro de nós mesmos”, como adverte Didi-Huberman.

Uma aula produz-se em gestos. Diante disto, de algo que faz passar e em exercício fibroso, tece-se uma textura esplêndida numa aula, como nos indica Deleuze. Text(u)ra, composição. Fios e com-fiança. Co(m)oção. Uma malha feita por um zigue-zague de pontos e entrelaces. Trabalho de mãos, olhos, ouvidos, corpo todo e voz.

Assim, voltar à escritura, às palavras que transportam mundos, não como nos imputa a colonialidade, pela obrigação ou pela violência, pode tornar uma

aula, transaula, espaço de afirmação e produção desejante. Texto múltiplo. Tecido esplêndido.

Para nós, uma transaula não versa exatamente sobre o que se sabe, mas parte-se do que se pesquisa, dos problemas construídos e sustentados na inventividade do desejo. Uma aula, transaula, como experiência desconcertante, ensina-nos a resistir contra as perversidades do mundo, quando em franca produção de redes de saberes e sinergias, inventa espaços de lutas e novas solidariedades: como “algo que possa encorajar nossa vida”.

Um abraço carinhoso e forte!
Fernanda e Maria Carolina.

Recebido em 15 de junho de 2023.
Aceito em 1 de agosto de 2023.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *O que é uma aula*. YouTube, 7 de novembro de 2022.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'água, 2004.
- DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. *Fractal Revista de Psicologia*, 23 (1): 5-28, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.
- FERNANDES, Saulo Luders; GONÇALVES, Bruno Simões; SILVA, Liliane Santos Pereira. Psicologia, Povos Tradicionais e Perspectivas De(s)coloniais: Caminho para Outra Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42 (spe): 1-14, 2022.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O que significa elaborar o passado?” In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006. pp. 97-106.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31 (1): 25-49, 2016.
- HARAWAY, Donna. A Game of Cat's Cradle: Science Studies, Feminist Theory, Cultural Studies. *Configurations*, 2 (1): 59-71, 1994.

HARAWAY, Donna. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao: Edición Consonni, 2019.

KASTRUP, Virgínia. A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. *Revista Polis e Psique*, 9 (spe): 99-106, 2019.

LATOUR, Bruno. “Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência”. In: NUNES, J.; ROQUE, R. (orgs.). *Objetos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007. pp. 40-61.

LOURAU, René. “Processamento de texto”. In: ALTOÉ, Sônia (org.). *Analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2003. pp. 199-211.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. *ECOS: estudos contemporâneos da subjetividade*, 5 (2): 200-208, 2015.

MORINICO, Jorge. *Guata*. YouTube, 27 de março de 2023.

MÚTIPLAS VOZES. *Fragmentos dos diários da transaula*. 2022.

RIBEIRO, Sidarta. *Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

STENGERS, Isabelle. *Quem tem medo da ciência? Ciência e poderes*. São Paulo: Siciliano, 1990.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e a questão da literaridade. *Educação e Sociedade*, 26 (93): 1309-1321, 2005.